

SOCIEDADE DO CONSUMO: PRAZER/GOZO E EDUCAÇÃO EM EM SLAVOJ ZIZEK, THEODOR ADORNO E GIORGIO AGAMBEN

Hanna Maria Ramos Silva
Graduanda em Letras (UFC)

Introdução

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise dos pensamentos desses autores, sobre o modo em que os indivíduos estão inseridos nessa sociedade consumista. Demonstrando a sua importância para a formação de uma consciência crítica. Mostrando, ao mesmo tempo, várias contradições dentro dela e como tudo está sendo imposto a todos de forma *perversa*. Segundo a psicanálise a perversão se dá, através do desejo por meio do falo, como aquilo que serve de lei. Sendo o desejo o suporte de uma lei, a perversão é manifestada com brutalidade e imposta como autoridade.

Segundo o autor esloveno, a educação do mundo capitalista que deixa as pessoas paralisadas, anestesiadas e como meras marionetes, junto a uma educação sistêmica, só poderá ser dissolvida através de uma mudança drástica. Partindo da política, para poder resultar em uma educação capaz de emancipar.

É diante de todos os mecanismos e fetiches desse sistema contemporâneo, que a vida social acaba sendo regulada. Infelizmente, apesar da contrariedade existente nesse meio, nada pode ser contrariado, pois as pessoas é que sofrerão com isso. Como exemplo disso, temos os cortes aplicados em benefícios sociais, empregos e recursos com destino à saúde e à educação, entre muitos outros (RECH, p. 173, 2012).

Contradições: Sociedade consumista

De acordo com a *Dialética do Esclarecimento*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, a indústria cultural, desejosa de produzir bens culturais, tem a finalidade de satisfazer, mesmo que de forma ilusória, as necessidades geradas pelo mesmo meio, mesmo que acabe prejudicando os indivíduos. No que diz respeito ao trabalho mecanizado, o sistema cria meios de adaptação no próprio ócio. Fazendo com que as pessoas tenham mais dificuldade em pensar, visto que elas não devem ter nenhum pensamento próprio. Esse sistema ainda produz necessidades desnecessárias para serem consumidas, deixando os indivíduos entretidos e ao mesmo tempo lucrando com tudo isso, já que seus motivos são simplesmente econômicos.

Adorno e Horkheimer (1985, p. 114) comentam esses interesses econômicos, os quais se manifestam como uma espécie de irracionalidade:

[...] A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. [...] a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre lógica da obra e a do sistema.

Não é o desenvolvimento técnico ou o racional que garantirá uma emancipação. Toda essa racionalidade é estratégica no que diz respeito à produção econômica. Sendo uma verdadeira manipulação das massas, a indústria cultural, reflete toda essa racionalidade, ou melhor, irracionalidade objetiva da sociedade capitalista.

Zizek menciona em seus escritos que as pessoas não percebem quem realmente são. Perdem a capacidade de perceberem a verdadeira identidade, pois o capitalismo não permite, fazendo-as idealizarem e acreditarem que outras identidades impostas pelo capital são suas. É por isso, que Zizek acredita que o ato político só ocorrerá quando as relações entre teoria e prática se efetivarem de forma engajada, quer dizer, desprendidas das amarras institucionais impostas pelo *status quo*.

Nessa sociedade movida pelo capital, as pessoas deparam-se constantemente com a permissividade e ao mesmo tempo com a proibição. Em *O Ano em que Sonhamos Perigosamente* Zizek mostra esse tipo de viver ao mencionar:

O gozo é tolerado, até solicitado, mas com a condição de que seja saudável, não ameace nossa estabilidade psíquica ou biológica: chocolate sim, mas sem gordura; coca-cola sim, mas *diet*; café sim, mas sem cafeína; cerveja sim, mas sem álcool; maionese sim, mas sem colesterol; sexo sim, mas seguro... (ZIZEK, 2012. p. 54).

Apesar de esse gozar ser recomendado e visto como inofensivo à saúde, ele é permitido e imposto a todos, mas é impossível ser assim, visto que, no exemplo acima, a maioria dos produtos naturais são substituídos pelos artificiais. Percebemos que esse modo de viver incentiva uma vida “saudável”, porém de forma contraditória, pois é um incentivo ao consumismo descontrolado.

Inveja do gozo do Outro

De acordo com Zizek, o que importa hoje é “objeto desejado” imposto pelo próprio “desejo”, provocado em cada indivíduo de diversas formas e esse é o grande problema do desejo humano, “ser sempre o desejo do Outro” (ZIZEK, p.82, 2009). A partir desse ponto, se pensarmos na questão da “inveja”, que é um componente constitutivo de desejo do homem, teremos aqui um paralelo entre prazer e gozo. Para Lacan, segundo Slavoj Zizek, a realidade dos seres humanos é constituída por três níveis entrelaçados: o simbólico, o imaginário e o real. O jogo de xadrez é um exemplo, pois pode ilustrar de modo básico essa tríade. O grande Outro opera no nível simbólico. O Outro seria, então, a ordem simbólica. Mas como podemos considerar tudo isso no capitalismo?

Podemos observar essa vontade de possuir o que pertence a outra pessoa quando Zizek menciona:

[...] “Você nos incita a consumir, mas ao mesmo tempo nos priva da possibilidade de fazê-lo apropriadamente__ então aqui estamos nós, consumindo da única maneira que nos é permitida!”. [...] O problema dos motins não é a violência em si, mas o fato de essa violência não ser verdadeiramente assertiva: em termos nietzschianos, ela é reativa, não ativa: é fúria impotente e desespero disfarçado de força; é inveja mascarada de carnaval triunfante. (ZIZEK, 2012. p. 65).

Ao tratar de manifestações que aconteceram em algumas partes do mundo Zizek questiona isso, pois a maioria dos indivíduos que compunha as insatisfações sociais que vão desde a política até a educação, deu o entender que estavam se satisfazendo pelas destruições descontroladas. Como se estivessem comprando tudo que não podiam ou não tinham como comprar por falta de dinheiro, comportaram-se como meros compradores, satisfazendo desejos consumistas.

Mas o autor ainda chama a atenção para o fato de que eles ao se comportarem dessa forma, destruindo tudo que viam pela frente, como se estivessem obedecendo a um pai ou a um pai religioso, que proíbe, tolera e solicita certas atitudes de seus fiéis. Aqui, o pai seria o próprio capitalismo. Eles reagiram assim, como uma resposta a essa ideologia de consumo. Consumiram apenas da forma que podiam manifestando dois níveis de violência a “simbólica” e a “sistêmica”.

Notamos que o objetivo vai além de um simples desejo de ter o que o Outro tem. Se pensarmos na questão da “inveja”, ou melhor, na inveja nutrida em cada indivíduo, por esse meio consumista, com relação ao objeto que o Outro possui, podemos concluir que o indivíduo está em busca não apenas de ter o objeto ou gozar do objeto, mas de gozar o gozo do Outro, que seria o mesmo que sentir o prazer da mesma forma o que o Outro sente, algo impossível. O mais importante não é roubar o objeto, mas acabar com o prazer que o Outro está desfrutando, pois o objetivo aqui é perverso. Fazendo assim, com que exista uma verdadeira exigência de limitação desse gozo que não lhes pertence. Porque o verdadeiro alvo é a destruição da capacidade do Outro de gozar o seu objeto (ZIZEK, 2009).

Tecnologias de todos os tipos: criação de sujeitos

Deparamos-nos com as ditas melhorias tecnológicas criadas, ou melhor, adaptadas nas sociedades em geral. Sobre isso, Agamben menciona:

Generalizando posteriormente a já bastante ampla classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar,

interceptar, modelar, controlar, assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes [...] (AGAMBEN, p. 40, 2009).

O termo dispositivo vem do latim *dispositio*, a partir daí temos a derivação de dispositivo. Os dispositivos estão conectados a uma herança teológica, segundo Foucault, servindo de divisão e articulação de “... Deus ser e práxis, a natureza e a essência e a operação por meio da qual ele administra e governa o mundo...” (AGAMBEN, 2009, p. 38). A raiz da palavra vem de uma substituição da palavra *oikonomia*, que é um conjunto de medidas e saberes, tendo por objetivo gerir, governar, entre outros. De acordo com Agamben, dispositivo é um governo no qual implica em um processo de subjetivação, criando os seus sujeitos.

É diante da loucura do consumo, em que se encontram as sociedades, que podemos forrar essa análise sobre o capitalismo. Servindo-nos de apoio esse ensaio de Agamben “O que é um dispositivo?”, percebemos quão lesados estão os indivíduos contemporâneos, visto que esses mecanismos criados, denominados de “objetos”, “gadgets”, “bugigangas”, tecnologias de todos os tipos, possuem a finalidade de agirem como entorpecentes mentais, pois estão cada vez mais contaminando e controlando.

Zizek critica essas novas tecnologias, como lemos a seguir:

[...] o fascínio dos indivíduos por aquilo que o último Lacan batizou com o neologismo *les lathouses objects-gadgets* [dispositivos-objetos] de consumo que atraem a libido com a promessa de proporcionar prazer excessivo, mas que, na verdade, reproduzem somente a própria falta [...] “ A tecnologia é um catalisador, amplia e melhora algo que já existe” [...] (ZIZEK, 2012, p. 61).

Em “O que é contemporâneo?”, Giorgio Agamben, ao tratar do termo contemporaneidade nos apresenta um exemplo sobre o universo bastante interessante. Ele diz que as estrelas “resplandecem circundadas por uma densa treva”. Mas o autor ainda diz que o escuro do céu é luz, ou melhor, o escuro é luz. Por que então não dizer que os indivíduos encontram-se nessa escuridão, visto que, estão de certa forma,

afundados na obscuridade desse sistema por conta de todas essas artimanhas? Levando em consideração tudo que o autor menciona em seu texto, seria mais viável dizermos que estão, na verdade, afundados na própria luz desse tempo.

Não só as “bugigangas” ou “dispositivos”, mas outras formas de consumo estão presentes nesse sistema, como uma evidência disso tem a própria moda, que se mantém em um devir incessante, deixando as pessoas escravas e meras vítimas sacrificiais de um deus sem rosto, como as próprias manequins que estão sempre nessa moda ou vida escravizante (AGAMBEN, 2009, p. 67).

Educação: ferramenta fundamental de orientação

A organização do mundo que se converte em uma ideologia dominante, obscurece a consciência pelo próprio existente e exerce uma pressão tão grande sobre os indivíduos, que chega a ser imposta uma adaptação normal a essa ideologia e tudo isso acaba superando a educação. Infelizmente, devemos nos manter, já que não é possível sair da realidade, dentro desse movimento de adaptação, segundo Adorno. Mas, é importante salientar que, a educação serve de ferramenta preparatória de orientação ao homem no mundo (ADORNO, 1995).

Apesar de tudo que acontece dentro das amarras do sistema capitalista globalizado, que tornam os indivíduos meros consumidores de mercadorias sem valores, que impede os de alcançarem algo bem maior, Žižek acredita em uma mudança, mas que deva ser feita dentro da política, para se poder chegar à educação. Mas, infelizmente, esse meio de ser capitalista está tão imbricado nos próprios seres que o compõem, eles não pensam em algo maior, como lemos a seguir:

[...] um projeto político de sociedade que enalteça a importância dos bens públicos e sociais coletivos e o espaço público aberto à participação efetiva do conjunto da população, principalmente dos trabalhadores comuns e dos marginalizados sociais. Sob este prisma, nas condições de sua alienação e impotência política, as pessoas antes são capazes de imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. (RECH, 2012. p. 173-174)

Nas condições de alienação que se encontra a realidade das sociedades, a produção para o mercado se dá como um novo tipo de mercadoria, como a força de trabalho. Como resultado, para a sobrevivência, temos a venda dessa força, visto que “o ideal do mercado capitalista (...) é a chamada “troca de equivalentes” (RECH, 2012, p. 158). Dessa forma, é muito difícil os indivíduos perceberem onde de fato estão inseridos, pois tudo está subordinado a esse mercado capitalista, que escraviza, dá o entretenimento e ao mesmo tempo cria seus próprios sujeitos.

Considerações finais

Agamben, ainda em sua crítica sobre contemporaneidade, menciona que contemporâneo é quem consegue manter “fixo o olhar no seu tempo”, para poder perceber a escuridão e não a luz. Deixando clara a importância de podermos enxergar a obscuridade ou o escuro da nossa época o autor questiona:

Mas o que significa “ver as trevas”, “perceber o escuro”? [...] O que acontece quando nos encontramos num ambiente privado de luz, ou quando fechamos os olhos? O que é o escuro que então vemos? Os neurofisiologistas nos dizem que a ausência de luz desinibe uma série de células periféricas da retina, ditas precisamente *off-cells*, que entram em atividade e produzem aquela espécie particular de visão que chamamos escuro. O escuro não é, portanto, um conceito privativo, a simples ausência de luz, algo como uma não-visão, mas o resultado da atividade das *off-cells*, um produto da retina. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

É diante das malvadezas obscuras que estão ao nosso redor que muitos são incapazes de ativarem suas células periféricas, as ditas *off-cells*, para entrar em uma atividade individual, neutralizando as luzes e podendo descobrir as trevas, deixando assim de serem reféns dessa iluminação completamente enganadora do mundo capitalista que cega todos que o pertencem.

Adorno, em sua crítica ao Esclarecimento, trata da possibilidade de uma possível emancipação, que torne todos sujeitos históricos, capazes de mobilizar-se sobre a história, podendo transformá-la. É nesse ponto que entra a educação, vinculada a uma

“reflexão teórica”, “social”, “política” e “filosófica”, acaba sendo detentora da formação e capaz de emancipar.

Para que ocorra uma educação que vise à emancipação, terá que haver uma grande mudança e ruptura com esse sistema opressor alienante que subjuga, engana e oprime seus sujeitos, segundo Zizek. Este autor propõe um rompimento das estruturas atuais, mas a partir da política, pois é o atual espaço da intervenção revolucionária.

Referências:

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos. 2009.

RECH, Hildemar Luiz. **Subjetividade e educação. Slavoj Zizek: Real, fantasia, objetos sublimes da ideologia, ato político e educação**. Ceará: Universidade Federal do Ceará- UFC, 2012.

SLAVOJ, Zizek. **O ano em que sonhamos perigosamente**. Tradução: Rogério Bettoni. 1. Ed- São Paulo: Boitempo, 2012.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, Slavoj. **Violência** __ Seis Notas à Margem. Lisboa: Relógio D'Água editores, 2009.